

SAÚDE NOS TERRITÓRIOS DA ARTE E DA CULTURA

Elizabeth Araújo Lima

Palestra preferida no Evento de abertura do Projeto Inspira: ações para uma vida saudável – SESC 24 de maio, 3 de abril de 2019.

Gostaria de agradecer o convite e parabenizar a equipe do Sesc que organizou este nosso encontro e que promove as propostas incríveis que povoam a cidade de São Paulo, com ações em que arte, cultura, saúde e vida se mesclam de forma tão interessante. Estas ações são essenciais para a saúde de todos nós e em minha fala hoje eu gostaria de salientar a urgência de dedicarmos esforços a essa articulação e os riscos para a saúde e para a vida de abandonarmos a dimensão pública da cultura e da criação.

Neste último fim de semana lembramos com grande pesar – o que nunca pode ser esquecido - o golpe que, há 55 anos, instaurava uma ditadura militar no Brasil. No contexto desse momento, Paulo Coelho publicou um texto sobre sua terrível experiência com a tortura. O texto é um relato sensível, realista e cruel – e fico imaginando a dificuldade de encontrar as palavras e o tempo e o trabalho sobre si que foi necessário para que fosse possível tentar narrar essa experiência. A leitura do texto é doída e me provocou náuseas, fisgadas no peito e na barriga e uma profunda tristeza.

Mas o horror veio ao me deparar com os comentários, como respostas ao texto, que se disseminavam pelas redes sociais e que afirmavam de diferentes formas (e com requintes de perversidade) que se ele tinha vivido aquilo deveria ter feito algo por merecer. (E aqui é preciso ressaltar que não se trata de avaliar se esses comentários representam um grupo numericamente significativo, ou se parte deles foi produzida por robôs, mas de afirmar que é intolerável de que enunciados como este sejam proferidos nos espaços públicos da info-rede)

Estampado nesses comentários encontramos a falência das narrativas numa sociedade dessensibilizada e empobrecida de experiências comunicáveis, na qual a expressão da experiência não possui significado coletivo, como diagnosticou Walter Benjamin no texto *Experiência e pobreza* (de 1933).¹

¹ Walter Benjamin, *Experiência e pobreza*. In.: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114-119

Numa palestra no final do ano passado a professora de filosofia Tessa Lacerda perguntava se havíamos perdido a possibilidade de construir uma narrativa coletiva sobre a Ditadura Militar no Brasil e qual o significado para a vida individual e coletiva quando não se consegue construir uma memória comum. Conhecer o passado para agir no presente, dizia ela, é uma tarefa cultural e psíquica com valor político, ético e terapêutico.²

A construção da memória é um dos elementos do mundo comum e uma das funções importantes do campo cultural e da clínica, que se pode se dar pela restauração da memória.

Cultura é cuidado na forma de linguagem e criação. Ela permite que nos relacionemos com a diferença e com o tempo. Através dela construímos modos de compreender as relações entre o presente, o passado e o futuro – nos enraizamos no presente e temos a possibilidade de lembrar o passado e construir o futuro. Ao construir um mundo comum, a cultura, estabelece um plano de compartilhamento entre nós e os que vieram antes de nós, os que vivem conosco e os que virão. Assim, um comum preexiste à nossa chegada neste mundo, e é, ao mesmo tempo precisa ser constantemente construído por todos.

O mundo em que vivemos está gravemente doente

Os comentários que eu li emergem em uma sociedade na qual o comum é expropriado pelas redes do capital, a cultura é constantemente desvalorizada e a criação é muitas vezes criminalizada. Eles proliferam num mundo no qual predomina um modo de vida marcado pela privação da relação com os outros e por uma esmagadora vivência de individualismo, isolamento e desenraizamento. Neste tipo de mundo, os seres humanos encontram-se em disputa pela sobrevivência; a empatia e a solidariedade se dissolvem e experiências de convivência são cada vez mais raras.

Quando o isolamento e o desenraizamento se instalam no corpo coletivo, a competitividade e a luta pela sobrevivência individual penetra como um veneno na alma e nos corpos, rasgando a teia das relações entre os seres. E diante de nós parece querer se insinuar uma sociedade de desconfiança generalizada e ódio disseminado; uma vida de sustos cotidianos e de medo contínuo. Em suma participamos de uma coletividade de seres humanos dessensibilizados e profundamente doentes.

² Tessa Lacerda. Palestra proferida no Evento Existir e Resistir, no dia 12 de novembro de 2018 na FFLCH da USP.

Mas, o que esse grave quadro que desenhamos tem a ver com ARTE e CULTURA?

A cultura e a arte são hoje campos que estão sendo fortemente disputados e no Brasil da atualidade esta disputa é crucial. A cultura contemporânea está atravessada pela Sociedade do espetáculo – na qual as relações humanas não são diretamente experimentadas, mas começam a turvar-se no espaço de uma representação espetacular, levando a um isolamento generalizado. A essa sociedade do espetáculo - soma-se agora, o que Nicolas Bourriaud chamou de sociedade de extras.³ Nela cada um encontra a ilusão de uma interatividade democrática em canais onde a comunicação é, na verdade, truncada e mutilada.

Os novos meios de comunicação passaram a capturar os contatos humanos para áreas que decompõem os laços sociais e os articulam a diferentes produtos, oferecendo formas de sociabilidade pré-produzidas e transformando participantes em consumidores. O mundo árido no qual nos resta viver é envenenado por um excesso de informação, excitação, conexão. O laço social é transformado num artefato estandardizado. O espaço das relações humanas parece ser a esfera mais severamente afetada pelo processo generalizado de reificação. Pouco pulso vital, pouco afeto, circula em muitas redes, tornando extremamente difícil sentir e pensar o que nos acontece.

A consequência é que nossa sensibilidade fica em colapso, o que provoca altos níveis de esgotamento e sofrimento psíquico. Os efeitos sobre a subjetividade são devastadores e se espraiam por toda parte: depressão, pânico, violência, ...

Para nos darmos conta da magnitude do problema talvez seja preciso voltar nossa atenção aos nossos corpos, aos corpos daqueles que estão próximos e também aos corpos que estão distantes. É preciso olhar para o que se passa nos corpos: das violências cotidianas à violência do genocídio. É preciso ressensibilizar o corpo. O corpo que esquecido pela invasão das tecnologias digitais em nosso cotidiano – perde a sensibilidade – aquela atenção ao que é mais sutil e intensivo ao mesmo tempo e que é condição para a emergência da empatia. Como diz Franco Berardi, “a compreensão entre os seres humanos sempre se dá, em primeiro lugar, no nível epidérmico”.⁴

³ Nicolas Bourriaud. *Relational Aesthetics*. Trad. Simon Pleasance & Fronza Woods. Paris: Les presses du réel, 2002.

⁴ Franco Berardi. *A sensibilidade é hoje o campo de batalha político*. Boca do Mangue. 2011.

O que acontece aos corpos diante desse quadro de tentativa de instauração do terror? O que acontece aos nossos corpos, quando ficamos diante de discursos e experiências que parecem nos dizer que a vida vale cada vez menos?

E como arte e cultura podem nos ajudar a enfrentar este grave estado de coisas?

É dos corpos e sua revolta que pode emergir um outro campo que disputa arte e cultura. A atenção ao corpo e ao que este estado de coisas produz em nós faz emergir um desejo coletivo de criação de novas áreas de convivência e de experimentação de novas formas de estar no mundo. O mundo comum em apagamento ainda (r)existe e é preciso re-encantá-lo. Nessa perspectiva, arte e cultura são redutos onde se disputa e se constrói um mundo comum.

A cultura é o campo do pensamento, da crítica, do cuidado e da criação. Ali onde o pensamento se exerce, onde os direitos são conquistados e onde os corpos mais formados ensinam os menos formados a conter e dar forma as excitações que os atravessam. Cultura como espaço de construção de pertencimento e de sentido coletivo, estabelece enraizamento e compartilhamento. Lugar de pouso das inventividades e das experiências intensivas que se fazem nas artes. Arte como invenção e experimentação de outros mundos possíveis, opera no plano da experiência, da percepção, da ativação do corpo e da sensibilidade, instaurando múltiplas maneiras de viver.

Produzir experiências estéticas, estabelecer coletivos pensantes, inventar espaços experimentais nos territórios e comunidades, nas instituições ou nas ruas, são tentativas de produzir o comum e preocupar-se com um número cada vez maior de pessoas que estão sendo excluídas das redes de vida e cultura. São, portanto, práticas de resistência e de produção de saúde.

Foi neste contexto de lutas e de disputa de sentido que começaram a brotar experimentações estéticas, clínicas e culturais nos mais diferentes ambientes, ocupando os espaços inesperados da cidade e construindo nichos de respiro e inventividade.

Algumas delas fazem parte da Rede que temos construído no Programa de Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – da USP – em parceria com equipamentos de saúde – CECCOS, CAPS, Pontos de Cultura e Economia Solidária - e com projetos no território da cidade – Coral Cênico Cidadãos Cantantes, Cia Teatral Ueinz, Coletivo Preguiça. Nesta rede são desenvolvidas um conjunto de ações que articula processos de criação, produção cultural,

produção de saúde, participação social. São espaços coletivos de encontro e criação onde pessoas das mais diversas proveniências podem estar juntas e instaurar mundos em variação. (Muitas das imagens que acompanharam essas palavras foram geradas nesses projetos; elas constituem a memória polifônica desse território de interface no Brasil. No seu conjunto elas compõem uma memória visual desse território, tomado num plano coletivo). Isto constitui o dia-a-dia de uma prática de terapia ocupacional que se desenvolve nas proximidades com a arte. Em terapia ocupacional noção de saúde é pensada a partir das relações, dos encontros e dos fazeres; não pode ser pensada, portanto, de forma dissociada da cultura, da linguagem e da criação.

Em experiências como essas, arte, cultura e saúde se mesclam, potencializando as capacidades de criar e agir, de pensar e imaginar, e constituindo formas de resistência à destruição do mundo comum. Elas participam da reinvenção da política pelo fato de necessitarem do espaço público para realizar sua vocação e aparecer no mundo comum. Nessa relação entre arte e política, a cultura emerge indicando que o domínio público é ao mesmo tempo lugar da ação política e da apresentação das obras e gestos artísticos.

Essas experiências estão em ressonância com uma mutação no campo artístico, que operou um deslocamento das obras para a produção de acontecimentos. Desde os anos 1990, esse deslocamento tem se aprofundado e radicalizado em práticas e estratégias que buscam construir mundos, muitas vezes frágeis e precários, nas brechas do capitalismo mundial integrado, operando a partir de tensões da vida contemporânea e não de seu abrandamento. Para Celso Favaretto “Na arte surgida dessa atitude, as obras, os experimentos, as proposições de toda sorte, funcionam como interruptores da percepção, da sensibilidade, do entendimento; funcionam como um descaminho daquilo que é conhecido.”⁵

Um dos artistas brasileiros que anteviu a emergência dessas experimentações foi Hélio Oiticica. Para ele, a vida em si mesma deveria ser o seguimento de toda experiência estética. Hélio escreveu sobre seu Projeto Barracão, dizendo que não queria mais separar sua experiência da vida real. Reproduzo aqui suas palavras:

Sinto que a ideia – que tenho tido por algum tempo – cresce para a necessidade de uma nova comunidade, baseada em afinidades criativas, apesar de

⁵ Celso Favaretto. Arte Contemporânea e Educação. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 53, n. 1, p. 225-235, 2010.

diferenças culturais ou intelectuais, ou mesmo sociais e individuais. Não falo de uma comunidade para ‘fazer obras de arte’, porém de algo como experiência na vida real – todo tipo de experiências que poderia se desenvolver em um novo sentido de vida e sociedade – uma espécie de construção de ambiente para a vida em si mesma baseada na premissa de que energia criativa é inerente em todo mundo. O ponto objetivo seria construir uma casa de madeira tal como na favela, que as pessoas sentiriam como o lugar delas (...) este espaço seria uma espécie de espaço aberto, um ambiente para a experiência criativa de toda forma imaginável.⁶

Mas, para que isso seja possível, muitas vezes é preciso se dirigir às margens do sistema endurecido e capturado da arte e da cultura, encontrar e se aliar a outros agentes que não pertencem a esse sistema, mas que, como todos, têm potência de agir e iniciar. Em muitas experiências que se fazem nas margens da arte instituída – nas periferias de uma cidade como São Paulo proliferam um sem número de experiências - levam a cabo uma luta e uma radicalização dos objetivos políticos, estéticos, clínicos e culturais de propostas que provocam alterações nos modelos perceptivos, críticos e participativos, e instauram modos de habitar e construir mundos, modos de viver e de agir. Assim, afirma-se o poder poético da arte de dar corpo às mutações sensíveis do presente e criar possíveis na existência individual e coletiva.

O valor aqui é deslocado dos objetos para as práticas artísticas na afirmação da arte como uma atividade de troca que não pode ser regulada por nenhuma moeda ou equivalente geral. O que se produz são relações e o mundo no qual elas podem acontecer. O olhar se volta cada vez mais para as relações que o trabalho pode criar, na invenção de modos de convivência e sociabilidade, o que determina uma nova arena prática e também novos elementos formais e formativos.

Nesse sentido Nicolas Bourriaud⁷ postula que o que caracteriza a arte do nosso tempo é que ela é uma forma de produzir relações com o mundo, com a ajuda de signos, formas, ações e objetos. Pequenos deslocamentos no acento e nas importâncias visam produzir uma alteração na sensibilidade coletiva: os pequenos grupos no lugar das massas; as vizinhanças contra a propaganda e os meios de comunicação; e, sobretudo as matérias da vida cotidiana e o corpo como campo de interesse privilegiado.

⁶ Hélio Oiticica. Carta a Guy Brett. In: Hélio Oiticica. Paris: Galerie National du Jeu de Paume / Rio de Janeiro: Projeto Helio Oiticica / Rotterdam: Witte de With, Center for Contemporary Art. 1992, p. 135.

⁷ Nicolas Bourriaud. *Relational Aesthetics*. Paris: Les presses du réel, 2002.

Instaura-se, assim, um combate que quer “esticar e torcer” o campo da arte, expandindo para que possa comportar trabalhos, experiências e sujeitos que habitam suas margens e fronteiras. Neste sentido, interessa considerar os momentos em que arte e não-arte se provocam e contaminam, colocando em questão a própria existência de uma separação entre as práticas artísticas e a vida cotidiana.

Nas palavras de Cassiano Quilici, busca-se um transbordamento das práticas artísticas “para fora dos circuitos e dos sentidos que lhe são habitualmente atribuídos, inserindo-as em lugares insuspeitos, articulando-as com outras formas de saber e fazer, colocando em cheque categorias que se encarregam de situar a arte em um campo cultural nitidamente definido.”⁸

Nesse caminho, experimentações em arte e em produção de saúde se encontram em conexão com precariedades e vulnerabilidades as mais diversas. Uma arte que emerge de processos de criação ativos dá lugar ao que não é completamente visível e não está totalmente compreendido e assimilado, e pode, portanto, acolher zonas de indeterminação, produzindo experiências concretas de que o que é pode ser diferente.

Em situações muito concretas da vida cotidiana, violências se exercem sobre corpos que são incitados a procurar, forçados a um pensar que diz respeito a uma criação verdadeira. A violência é a violência do grande cárcere que habitamos; a violência do caos que estilhaça todas as ordens e desfaz todos os mundos. O mundo fica em fragmentos. Diante deste mundo estilhaçado não nos resta senão – diz Ana Godinho – entrar em regiões longe do equilíbrio e fazer tudo como as crianças, ou como a arte e a terapia fazem, instaurando outros mundos continuamente acabados de nascer.

Trata-se, portanto, de um corpo-a-corpo, uma luta e um combate. E a obra que surge desse combate será uma obra-máquina, que só poderá ser avaliada a partir dos efeitos que produz. E os efeitos são sempre passagens, variações contínuas de potência. Deslocamentos sensíveis. Devires. Invenção de mundos e de expressão, através de diferentes matérias, de um novo tipo de realidade, que se desdobra continuamente em direção ao por vir. Construção de passagens. Mundos surgindo de dentro de mundos. Heterotopias. Poéticas sobre a realidade atualizando a potência infinita de produzir mundos, quando tudo parece já mais que vazio.

⁸ Cassiano Quilici. O campo expandido: arte como ato filosófico. Sala Preta (USP), v. 14, p. 12-21, 2014. p. 12.

Como disse uma vez Eduardo Galeano “Este mundo de merda está grávido de outros mundos”.⁹ E essa gestação é essencial para a saúde individual e coletiva na medida em que o que está em questão é a liberação do movimento vital, o surgimento de formas de vida que querem nascer.

As transformações sociais podem proceder em grande escala, mas também e simultaneamente se produzir em escala molecular, em uma atividade cultural, em um processo terapêutico, em uma prática estética. Fèlix Guattari anuncia novas formas de luta no respeito aos ritmos próprios, às sensibilidades específicas que as pessoas manifestam, à heterogeneidade insuperável dos conjuntos sociais que se constituem através delas. “Construir sua própria vida, construir algo de vivo, com os próximos, com as crianças, com amigos, com militantes, e também consigo mesmo, para modificar sua própria relação com o corpo, com a percepção das coisas”.¹⁰

Trata-se de uma revolução molecular. A questão de fundo que atravessa essas experimentações, que se espalham pelas redes de produção, de sociabilidade e do ativismo contemporâneo, é também aquela que se insinua nas ações na interface da arte, da saúde e da cultura. Alterando hábitos sensoriais e gestuais das gentes, produzindo modos de vida ali onde a linguagem se torna inoperante, engendrando comum, fazendo comunidade entre corpos e formas-de-vida as mais heterogêneas, as formas de arte e cultura são, simultaneamente, políticas e clínicas.

Quando as práticas artísticas e culturais se contaminam com a política e são tocadas pela clínica, a estética se confunde com a vida e com a criação de mundos. E a criação de mundos é indissociável do que acontece no plano da sensibilidade. Por isso, a sensibilidade é hoje o campo de batalha político. Franco Berardi propõe um novo tipo de ação política capaz de tocar a esfera da sensibilidade mesclando arte, ativismo e terapia.¹¹

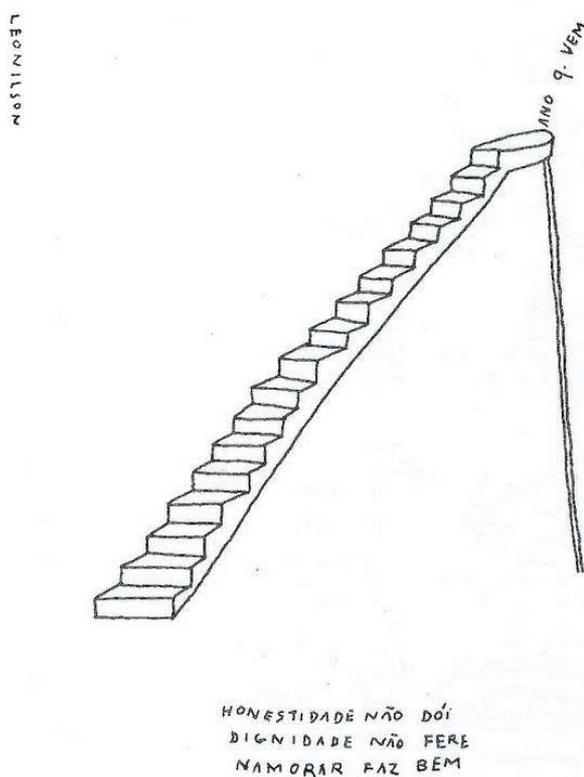
⁹ Eduardo Galeano. *Vivemos em uma Democracia Manipulada*. Depoimento na praça, Catalunya, 2011. Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VZfDWfUhq14>

¹⁰ Fèlix Guattari. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981, p. 67.

¹¹ Franco Berardi. *A sensibilidade é hoje o campo de batalha político*. Boca do Mangue. 2011.

Paul Auster escreveu em um de seus livros que a escuridão tem o poder de fazer alguém abrir seu coração para o mundo.¹² Acreditar em proposições como esta é essencial em tempos sombrios como os que correm. Abrir o coração para o mundo e acreditar no mundo. É o que mais nos falta, já que perdemos o mundo, nos despossaram dele. Para Deleuze,

Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (...) Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.¹³



¹² Paul Auster. The red notebook. London: Faber and Faber Limited, 1995.

¹³ Gilles Deleuze. Conversações. Trad. Peter Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2000.

¹⁴ Leonilson. Ano que vem.